

- Prance, G. T. et al., 3048, 24242, 26524 (2)
Prévost, M. F., 1642 (3)
Ramos, J. F. et al., 700, 771 (2)
Riera, B., 1351 (3)
Rodrigues, W. A. [et al.], 557, 2429 (2)
Sastre, C., 5738 (3)
Schulz, J. P., LBB10335 (3)
Schunke V., J., 3840, 4814, 6560, 6684 (2)
Shepherd, J. D., 832 (2)
Silva, A. S. et al., P25500 (3)
Skog, L. E., 5632 (3)
Soejarto, D. D. [et al.], 2808, 3951 (2)
Sperling, C. R. & King, S., 6619 (2)
Steege, H. ter, 619 (3).
Steward, W. C. et al., 70, 117 (2)
Teixeira, L. O. A. et al., 1526 (2)
Tresling, J., 493 (3)
Uhl, C. F., 209 (2)
Ule, E., s.n. (1)
Vásquez, R. & Jaramillo, N., 14042 (2)
Vester, H. et al., 346 (2)
Vilhena, R., INPA55921 (2)
Wessels Boer, J. G., 867 (3)

ALCHORNEA FLUVIATILIS: UMA NOVA EUPHORBIACEAE DA AMAZÔNIA

Ricardo de S. Secco¹

RESUMO: Uma nova espécie do gênero *Alchornea* SW. (Euphorbiaceae) é descrita e ilustrada. A espécie é denominada *Alchornea fluviatilis* R. Secco, caracterizada pelo ovário 3-4-5 locular, estiletos curtos a médios (4-7mm), estames rudimentares no cálice da flor pistilada, inflorescência bissexuada, folhas cartáceas, polimorfas e caducas na floração. São discutidas suas afinidades com *Alchornea discolor* Poepp.

PALAVRAS-CHAVE: *Alchornea*, Euphorbiaceae da Amazônia, *Alchornea fluviatilis*, *Alchornea discolor*.

ABSTRACT: A new species of the genus *Alchornea* is described and illustrated. The species is named *Alchornea fluviatilis* R. Secco, characterized by ovary 3-4-5-locular, short to medium styles (4-7mm), rudimentar stamens in the calyx of pistillate flower, inflorescence bisexual. The leaves are deciduous polymorphic and chartaceous. Its affinities with *Alchornea discolor* Poepp. are discussed.

KEY WORDS: *Alchornea*, Euphorbiaceae of Amazonia, *Alchornea fluviatilis*, *Alchornea discolor*.

¹ PR/MCT/CNPq - Museu Paraense Emilio Goeldi, Depto. Botânica. Caixa Postal 399, CEP 66017-170 - Belém-PA

INTRODUÇÃO

Como parte de uma revisão do gênero *Alchornea* Sw. (Euphorbiaceae) para o neotrópico, realizando trabalho de campo na Serra dos Carajás (Pará), no rio Pindaré (Maranhão) e em Macapá (Amapá), conjuntamente com estudo de coleções herborizadas depositadas nos herbários CAY, IAN, INPA, F, K, MG, NY, R, RB e SP, incluindo alguns tipos, encontramos algumas amostras distintas das demais espécies já descritas para o "taxon" acima referido, por apresentarem o ovário 3-4-5-locular e o sistema sexual monóico, ao lado de outras características que serão apresentadas mais adiante (Tabela 1).

Após minuciosa pesquisa bibliográfica, verificamos que as referidas amostras constituíam uma espécie nova, já que o caráter ovário 3-4-5-locular, em uma mesma espécie, ligado a monoicismo, representa uma situação incomum para as *Alchornea* da região neotropical, considerando-se a morfologia das demais espécies já descritas para o gênero.

As espécies de *Alchornea* são caracterizadas pelo ovário 2, raro 3-locular (seção *Eualchornea* Muell. Arg., da América Tropical, com apenas um representante na África); ovário 3, raro 2-locular (seção *Cladodes* (Lour.) Muell. Arg., da África e Ásia), e ovário 3-locular (seção *Stipellaria* (Benth.) Muell. Arg., da África e Ásia), de acordo com Pax & Hoffmann (1914), que é o trabalho básico sobre o gênero até o momento.

DESCRIÇÃO DA ESPÉCIE:

Alchornea fluviatilis R. Secco, sp. nov. Typus: Maranhão, Santa Inês, povoado do Bambu, rio Pindaré, 26/01/93 (bot, fl, fr), *R. Secco et al.* 862 (holotypus MG, isotypi K, SPF). Paratypi: Amapá, Santana, Jaru, Igarapé do Iago, 5/12/92 (bot, fl, fr), *R. Secco et al.* 842 (MG, HAMAB); Pará, Parauapebas, serra dos Carajás, rio Itacaiunas, 23/03/93 (fl, fr), *R. Secco et al.* 863 (MG). Amazonas, S^o Paulo de Olivença, rio Solimões, Igarapé Camatiá, 27/02/77 (fr), *Prance et al.* 24591 (INPA, NY); Venezuela, Estado Bolívar, Caño Pablo, bosque húmedo riparino, mayo 1982 (fl), *Morillo & Liesner* 8958 (NY). Guiana Francesa, Caiena, bord de l'Arataye, 15/02/69 (fl), *De Granville* 93 (CAY); idem, haut Oyapock, Zidockville, 03/08/80 (fr), *Prevost & Grenand* 912 (CAY). Figuras 1A, 2A-H.

Frutex vel arbor monóica. Folia elliptico-oblonga vel elliptico-lanceolata, pilis mollibus vestita, facie abaxiali. Inflorescentia bisexualis ramiflora,

paniculata. Ovarium (2) 3-4-5-loculare, tomentosum, stylis (2) 3-4-5, glabris. Fructus capsularis tricoccus, tetracoccus vel pentacoccus, rarius bicoccus, semine carinata.

Árvore a arbusto monóicos, 2-4m alt., as vezes com ramos rastejantes com aspecto de cipós. Ramos estriados, esparsamente lenticelosos, glabros. Folhas peninervias. Pecíolo 2-4cm compr., com manchas avermelhadas, canaliculado, pubescente, pulvino verde claro; limbo 10-20 cm compr. x 5-8 cm larg., elíptico, elíptico-oblongo a elíptico-lanceolado, cartáceo, verde, concolor, ápice agudo a acuminado, base levemente cuneada, com um par de glândulas achatadas, margens serrilhadas, glandulosas; face abaxial com delicada camada de tricomas estrelados, domácias pilosas presentes na junção da nervura principal com as secundárias; face adaxial com raros tricomas. Nervuras proeminentes na face abaxial, promínulas a imersas na face adaxial. Inflorescência bissexuada ramiflora, 5-20cm compr., paniculada, a raque e as ramificações estriadas, com densa camada de pêlos estrelados, as flores estaminadas em maior quantidade, dispostas em fascículos com 3 brácteas, as pistiladas frequentemente isoladas, raro pareadas, sempre rodeadas por flores estaminadas. Flores estaminadas monoclamídeas, subsésseis a pedicelados (pedicelos ca. 0,5mm compr.), com 3 bractéolas ca. 1mm por flor, pilosas, os botões globosos ca. 1mm x 1mm, glabros; cálice gamossépalo, sépalas 2, ovais a orbiculares, côncavas, glabras, ca. 1,5mm compr. x 2,0mm larg.; estames 8, ca. 2mm compr., concrecidos pelas bases, formando um feixe achatado, filetes rugosos, glabros, anteras ovais, com deiscência lateral. Flores pistiladas monoclamídeas subsésseis ou pedicelos ca. 1mm, 1-3 bractéolas pilosas por flor, os botões ca. 0,5mm com 4 rudimentos de antera cor de vinho no ápice do cálice; cálice gamossépalo, sépalas 3-4, triangulares, pilosas nas margens ou apenas nos ápices, ca. 1mm compr.; ovário globoso, com esparsa camada de pêlos estrelados, 1-2mm compr., (2)3-5 locular, estiletes (2)3-5, filiformes, verdes, livres, 3-7mm compr., pilosos na face externa, glabros na face interna. Fruto cápsula (2)3-5 cocas, ca. 1-1,5cm diam., verde, com manchas cor de vinho na maturação, liso, rugoso quando seco, esparsamente piloso, glabrescente; sementes (2)3-5, ovais, ca. 0,5cm, testa carnosa, coral, lisa, tegumento interno grosseiramente muricado, ecarunculadas.

Alchornea fluviatilis é uma espécie típica de beira de rios, igapós e outras áreas alagadas da Amazônia, distribuindo-se nos Estados do Pará, Amazonas, Roraima, Amapá, Maranhão, no Peru, na Venezuela, Guiana e, possivelmente, Bolívia.

Estava representada nos herbários por amostras de má qualidade e quase sempre identificadas como *Alchornea discolor* Poepp. (ou *Alchornea schomburgkii* Kl.). Entretanto, observando populações naturais de *A. fluviatilis* no campo, verificamos que a mesma apresenta características morfológicas e de habitat bastante diferentes daquelas encontradas em *A. discolor*, a qual também observamos e coletamos na serra dos Carajás e no Estado do Amazonas (*Secco & Cardoso 582*; *Secco & Bahia 821*; *Secco & Coelho 800*), conforme pode ser constatado na Tabela 1.

Um detalhe interessante, observado apenas no campo (margem do rio Pindaré, Maranhão), é que as flores pistiladas de *A. fluviatilis* são bastante inconspícuas e em número bem menor que as estaminadas. Talvez por esta razão apresentem pequenas estruturas cor de vinho, ao redor do cálice, e que lembram anteras (Figura 1E, estames rudimentares). Por serem muito vistosas, essas “anterinhas” parecem desempenhar um importante papel de atração aos polinizadores, devido a inexpressividade das flores pistiladas. Com a maturação da flor (abertura do cálice e exposição do gineceu) essas estruturas secam e caem, daí supomos que sua função seja apenas a de atrair os polinizadores.

A. fluviatilis pode apresentar ramos rastejantes em alguns indivíduos, dando a impressão de enormes cipós, especialmente nas áreas mais alagadas. Assim a observamos em Macapá, consorciada com indivíduos de *Montrichardia* (“aninga”, Araceae).

A espécie é conhecida pelos pescadores do rio Pindaré como “sardinheiro”, devido ao fato deles utilizarem seus ramos com frutos para atrair os peixes.

Para chegarmos a um diagnóstico mais preciso sobre as diferenças entre *A. discolor* e *A. fluviatilis*, muito contribuiu a observação das duas espécies no campo, bem como a análise das coleções referentes à *A. discolor* estudadas, identificadas e citadas por Jablonski (1967), tais como *Ducke 446* (NY), *Fróes 20516* (NY), *Williams 14506* (NY), *Little & Little 8329* (NY) e *Spruce 1849*, esta última também estudada e citada por Pax & Hoffmann (1914).

As folhas e os frutos de *A. fluviatilis* servem para alimentação de peixes (*Rosa & Michael 5160*).

Tabela 1. Diferenças observadas entre *A. fluviatilis* e *A. discolor*.

	<i>A. fluviatilis</i>	<i>A. discolor</i>
Cor do pecíolo	Verde, com manchas cor de vinho	Verde, sem a característica anterior
Consistência e cor do limbo	Cartácea, verde, do mesmo tom em ambas as faces	Coriácea, a face adaxial é verde-escura; a abaxial verde-clara, com aspecto ceroso
Polimorfismo foliar	Presente	Ausente (ou raro)
Fenologia foliar	Folhas caducas no pique da floração	Folhas sem a característica anterior
Sistema sexual	Monóico	Dióico
Ovário (Figura 1D)	Com esparsa camada de pêlos estrelados	Tomentoso (aspecto ceroso, velutino)
Tamanho dos estiletes	Curtos a médios (ca. 4-7mm)	Longos (acima de 1cm, em geral variando de 1,5-3cm)
Frutos	(2)3-5 cocas	2(3) cocas
Habitat	Áreas alagadas	Geralmente em ambientes secos.

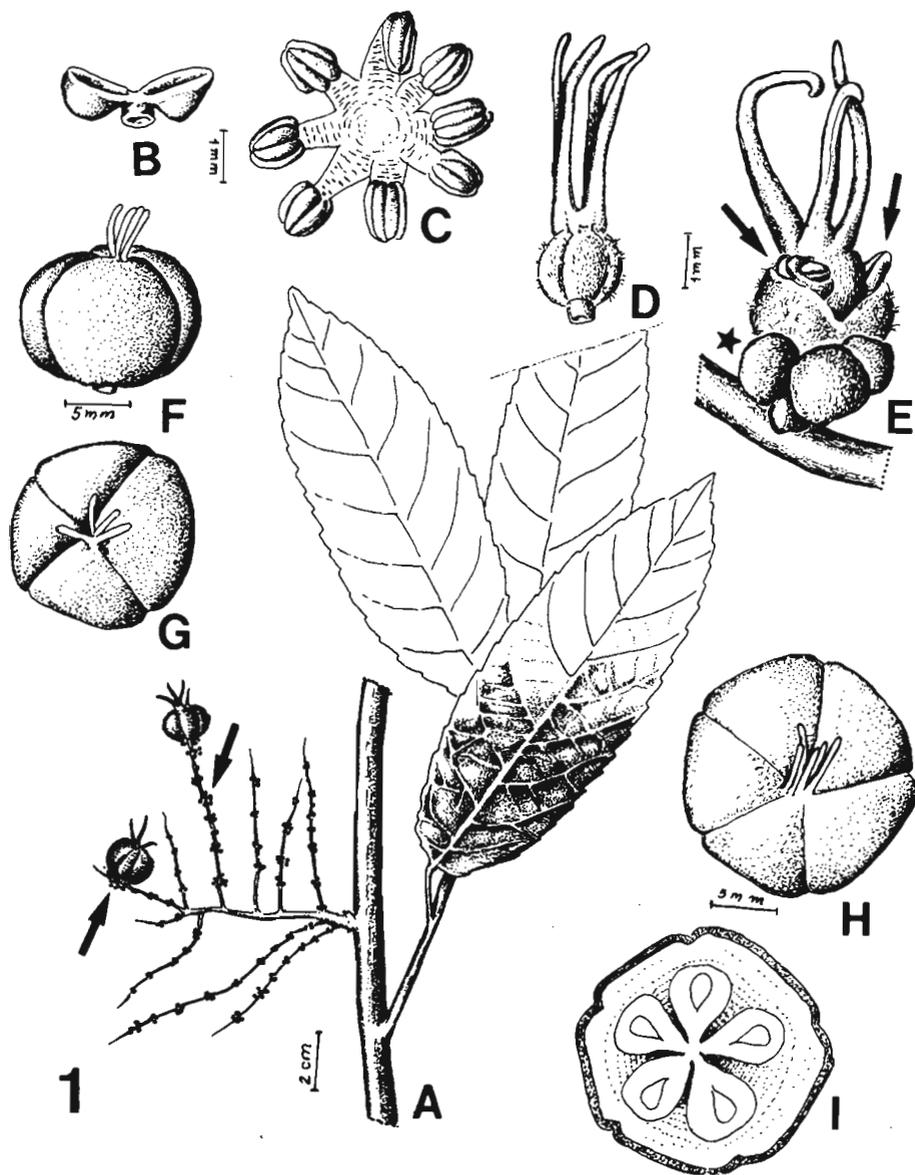


Figura 1. *Alchornea fluviatilis* R. Secco. A) Ramo com inflorescência bissexuada: as setas indicam um fruto e os botões estaminados. (Secco et al. 842). B) Cálise da flor estaminada. C) Androceu. D) Ovário. E) Flor pistilada com estames rudimentares (nas setas) e botões estaminados na base (ver estrela indicativa). F) Fruto com 4 cocos. G) Idem, visto de cima. H) Fruto com 5 cocos, visto de cima. I) Idem, corte transversal. (Secco et al. 862).

AGRADECIMENTOS

Dra. Ana Maria Giulietti, da Universidade de São Paulo (USP), que vem orientando meus estudos em *Alchornea*; ao Dr. João Murça Pires, pelo auxílio na confecção da diagnose latina; ao CNPq, pela bolsa de doutorado concedida (USP - quota do curso, processo nº 140450/91.2); ao bolsista Elielson Rocha, da Fundação Margareth Mee, pela ilustração da Figura 1.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JABLONSKI, E. 1967. Euphorbiaceae. In: B. Maguire & collaborators, Botany of the Guayana Highland, Part. VII. *Mem. N. Y. Bot. Gard.* 17(1): 80-190.
- PAX, F. & HOFFMANN, K. 1914. Euphorbiaceae - Acalyphae-Mercurialinae. In: A. Engler, *Das Pflanzenreich* IV. 147. VII (Heft 63): 1-473.

Recebido em 11.06.93
Aprovado em 23.06.93